

COMUNICAÇÃO, CULTURA E DESAFIOS MISSIONÁRIOS NA JANELA AMAZÔNICA

*HISTORICAL ASPECT AND CRITIQUE TO
HISTORICISM IN HERMAN DOOYEWEERD*

Igor de Sousa Vale²⁷

²⁷ Igor de Sousa Vale - Atua como missionário e plantador de igrejas na região amazônica do Brasil. Ministro licenciado pela Igreja do Nazareno no Brasil e mestrando em ministérios pela Piedmont International University. E-mail: valei@piedmontu.edu

RESUMO

O objetivo do artigo é apresentar uma reflexão sobre os pontos fundamentais do processo de comunicação da mensagem bíblica, sua recepção, decodificação e significação por meio dos povos que vivem na floresta Amazônica. Isso porque a comunicação é o instrumento essencial da existência humana, pois é por meio dela que o ser humano transmite informações, pensamentos e tradições. Usando a comunicação é possível gerar conhecimento e atribuir sentido às relações humanas. No campo ministerial, teológico e missionário não é diferente, pois o ministro é portador das boas novas e precisa transmiti-la todo tempo, para que seus ouvintes possam conhecer a Cristo e sua salvação. Contudo, povos com diferentes culturas, crenças e cosmovisões desiguais tendem a desenvolver de maneira diferente seu processo de recepção, decodificação e significação da mensagem bíblica. Isto representa um dos muitos desafios vividos no campo missionário amazônico do Brasil. Entender as formas de significação e as barreiras nesse processo ajuda a garantir que o povo esteja realmente recebendo uma mensagem inteligível para eles. Conclui-se que um processo de comunicação transcultural saudável é importante para garantir que o evangelho esteja sendo transmitido corretamente e significado de maneira certa pelos povos ribeirinhos e indígenas da Amazônia.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação missionária; evangelização; ribeirinhos; Amazônia.

ABSTRACT

Communication is the essential instrument of human existence, for it is through it that man transmits information, thoughts and

traditions. Using communication it is possible to generate knowledge and give meaning to human relations. In the ministerial, theological and missionary fields it is no different, for the minister is the bearer of the good news and he must transmit it at all times so that his hearers may know Christ and his salvation. However, different peoples with unequal cultures, beliefs, and worldviews tend to develop differently their process of reception, decoding, and meaning of the biblical message. This represents one of the many challenges faced in the Amazonian mission field in Brazil. Understanding the forms of meaning and barriers in this process helps ensure that the people are actually receiving an intelligible message to them. A healthy transcultural communication process is important to ensure that the gospel is being correctly transmitted and meaningfully understood by the Amazonian and tribal peoples of the Amazon.

KEYWORDS

Missionary communication; evangelization; villagers; Amazon.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, a temática a ser tratada envolve o ambiente da comunicação missionária e evangelística transcultural na região denominada de “Janela Amazônica”, e dos embates no processo de transferência da mensagem bíblica da salvação. O objetivo é apresentar uma reflexão sobre os pontos fundamentais do processo de comunicação da mensagem bíblica, sua recepção, decodificação e significação por meio dos povos que vivem na floresta Amazônia.

Reconhece-se que a maneira como se prega e ensina a palavra de Deus em uma grande cidade não é a mesma como se

deveria pregar e se ensinar a bíblia para os moradores nativos da floresta Amazônia. Afinal, parte-se da premissa básica que sua visão de mundo é completamente diferente da cosmovisão de uma pessoa da cidade pelo simples fato de que habitam em locais diferentes, vivendo um modo de vida diferente e organizados em sociedade de maneira diferente. Por exemplo, o sentido de “comunhão” (ter tudo em comum) para o cristão de uma cidade grande pode assumir uma postura e comportamento eventual fundamentados em contatos esporádicos durante as reuniões e cultos da igreja.

O ribeirinho vive a vida comum com seu irmão comunitário todos os dias compartilhando dores, lutas, pescarias, farinhas ou peixes. Nesse sentido, questiona-se qual comunhão é mais comunhão? E, ainda, qual o significado de comunhão para um cristão ribeirinho inserido neste ambiente?

O fator de apreciação também é perceber o alto número de missionários estrangeiros que vivem e ministram na Amazônia sejam eles de outra parte do Brasil ou de outros países configurando assim uma relação em que uma cosmovisão tenta ministrar e ensinar para a outra. O cerne da questão é: como a mensagem de Cristo pode ser comunicada corretamente na relação missionário versus nativo. Outra questão problematizadora é: como o ribeirinho ou indígena da Amazônia se apropria do evangelho e como atribui significado a ele.

No intuito de percorrer esse desafio proposto será feita uma abordagem sobre os conceitos e as fases da comunicação e da significação. Também haverá uma atenção especial para o modo de vida e a cultura amazônica cabocla, tentando delinear os meandros que ela pode gerar nesta evangelização contextualizada.

Não desejando encerrar o assunto, espera-se com este trabalho prover uma contribuição valiosa para o meio acadêmico e uma reflexão bem acurada no que tange à vida ministerial do campo missionário.

2. PROCESSO DE COMUNICAÇÃO E SIGNIFICAÇÃO

A comunicação é um processo de interação e troca de mensagens entre dois interlocutores em que a mensagem é transmitida, recebida, decodificada, compreendida e assimilada. Segundo Hesselgrave (1994, p.39), “a palavra comunicação provém da palavra latina *communis* (comum). Devemos estabelecer uma comunhão com alguém para haver comunicação. A comunhão encontra-se em códigos partilhados mutuamente”.

Correta comunicação só ocorre quando a mensagem é recebida e entendida de maneira correta. Fica sob a responsabilidade do receptor a decisão se mensagem será praticada ou não, mas isso só pode ocorrer após interpretação. Somente transmitir uma mensagem não pode ser considerado uma comunicação eficaz, pois deve ser preocupação do comunicador perceber se o receptor está recebendo, decodificando e dando sentido correto à mensagem ou se esse processo está defasado em virtude de algum bloqueio ou ruído no caminho.

De acordo com Lidório (2008, p.12) deve-se considerar que três fatores são fundamentais para a comunicação: a informação, a interpretação e a associação. A informação é uma mensagem ou dado trocado entre dois indivíduos por meio de

signo ou linguagem verbal ou não verbal. Após a recepção esse dado precisa ser decodificado, que é a interpretação dessa informação, contudo, a interpretação depende do código ou sinal utilizado. Se a mensagem foi informada em um código já conhecido e utilizado na outra cultura receptora então poderá haver mais facilidade de interpretação. Se a mensagem estiver num padrão de código desconhecido na outra cultura poderá ocorrer problemas para a interpretação da mensagem.

Recepção e interpretação adequadas são fundamentais para que haja compreensão da mensagem. Com a compreensão da mensagem será realizada a associação, isto é, o receptor após ter compreendido a mensagem encontrará a melhor forma e a área de sua vida que aquela mensagem possa ser aplicada. Num aspecto geral:

A comunicação, portanto, pode ser definida como um processo em que uma informação (formal ou informal) é transmitida, decodificada, interpretada e associada ao universo de quem a recebe. Isto independe, é claro, de sua aceitação ou rejeição (LIDÓRIO, 2008, p.13).

Ainda, conforme Hesselgrave (1994) para abordar com mais precisão a ideia de codificação/decodificação o modelo de cibernética (termo criado por Norbert Wiener) pode ajudar a esclarecer melhor esse conceito. Quando uma pessoa usa, por exemplo, senha de e-mail "joao2020" essa senha não é guardada de maneira original no banco de dados. Um programa adequado irá usar um código de criptografia que irá gerar a versão criptografada dessa senha, que será uma mensagem mascarada a

ser guardada no banco de dados. Se um *hacker* invadir aquele banco de dados ele não poderá entender as informações ao menos que tenha o código de criptografia para descriptografar as senhas mascaradas e então fazer a compreensão da mensagem. É importante dizer que as duas partes (enviadora e receptora) precisam possuir acesso ao mesmo código para que possam codificar/decodificar e interpretar a mensagem.

Cada povo contém seus códigos de “criptografia”, assim, por exemplo, um comunicador missionário do povo *Checheno* da Rússia não poderá entregar a mensagem criptografada em seu próprio código para o povo *Banjar* da Indonésia, pois a mensagem ficaria incompreensível. Antes deverá procurar conhecer o código do povo *Banjar* e transferir a mensagem já no código daquele povo.

O código não deve ser entendido exclusivamente como língua. Em termos culturais e missionários existem mais códigos usados para veicular e interpretar mensagens no processo de comunicação. O código é cultural, assim a mensagem precisa entrar no ambiente da cultura para ser interpretada e compreendida. Como descreve Lidório (2008) os principais códigos que envolvem um povo são a língua, a cultura e o ambiente. Portanto a proposta reflexiva do artigo envolve a importância de interpretar corretamente a sociedade ou povo (e seus códigos) que vai receber a mensagem bíblica para facilitar desde a fonte a tradução da mensagem bíblica. Que diferenças podem existir no processo de comunicação da mensagem bíblica em dois contextos diferentes como o calçadão no centro de uma cidade populosa e um barracão de palha numa comunidade indígena isolada na Amazônia?

Figura 1 - Pregação na cidade



Fonte: (CANATO, 2017)

Desenvolver esse processo comunicativo de maneira correta é de extrema importância, pois o contexto missionário não se trata de uma mensagem qualquer, mas de uma mensagem eterna de salvação. Uma mensagem de Deus para os homens com objetivo de sua redenção.

Figura 2 - Pregação para indígenas



Fonte: (TONETTI, 2015)

No meio da comunicação missionária usa-se também o termo “contextualização” que significa colocar a mensagem num código cultural (de língua, cultura ou ambiente) que o povo receptor possa compreender. Como relata Lidório (2008) “a não

contextualização, ou a má contextualização certamente provocará a distorção” da mensagem bíblica. Como descreve Domingues (2017, p. 76) “a contextualização permite que o sentido da mensagem se aproxime de seus interlocutores, a partir de elementos presentes no repertório cultural e que são conhecidos e legitimados por tal grupo social”.

Ainda sobre o sentido e importância de contextualização, no livro “O Totem da Paz” de Don Richardson (2000) o escritor relata sobre lutas e barreiras encontradas para conseguir transmitir a mensagem de maneira compreensível ao povo da Guiné Equatorial numa tribo isolada sem contato com o “homem branco”. Após longo tempo aprendendo a língua do povo (um dos códigos necessários) o escritor relata que começou a visitar os nativos em suas casas e fazer a primeira exposição do evangelho na língua do próprio povo. Ainda que o povo pudesse entender o que o missionário estava falando a mensagem não significava nada para eles e não causava impacto na vida dos nativos. A situação agrava-se quando após uma extensa exposição bíblica para os homens da tribo houve um senso geral de que Judas (o traidor) era o homem que todos gostariam de inspirar e copiar. Havia claramente um problema de contextualização ou codificação cultural. Na narrativa feita por Richardson naquela cultura os homens mais respeitados eram aqueles que faziam atos cruéis de traição efetuando em sequência a morte da pessoa traída. Judas era o ícone perfeito que se alinhava com a cultura daquele povo africano. Por causa da Graça de Deus e depois de muita oração, estudo e reflexão, o missionário Don Richardson conseguiu encontrar o meio correto de contextualizar e comunicar a mensagem de maneira que ela pudesse chegar com significado correto e assim houve transformação naquela cultura.

Nas escrituras sagradas um exemplo de comunicação sadia pode ser encontrado em Jesus Cristo. Embora ele fosse Deus conseguia comunicar a mensagem da redenção de maneira que o povo pudesse compreender e então fazer a decisão de se render àquela mensagem. Jesus (que era da cultura de Deus) viveu entre aquele povo e entendia o código daquele povo Judeu usando os meios corretos para transmitir a mensagem. Uma das principais formas usadas por Ele eram as parábolas, pois, “com muitas parábolas semelhantes, Jesus lhes expunha a palavra, conforme podiam compreendê-la” (BIBLIA, Marcos, 5:33).

As histórias de Jesus carregavam figuras e situações cotidianas da vida judaica. Seu exemplo é ótimo seguindo os conceitos língua, cultura e ambiente. Segundo Kunz (2017, p. 16) as parábolas de Jesus eram contadas para cativar os ouvintes, a fim de fazê-los parar e pensar acerca das suas próprias ações, ou de fazê-los dar uma resposta. A comunicação exercida por Jesus Cristo era eficaz e gerava significados. Esse grau de comunicação gerando significados e efeitos é o esperado para o trabalho missionário na Amazônia.

Por fim, citando bíblia e contexto, podemos definir que a mensagem bíblica envolve texto e contexto. Segundo Silva (1986) a bíblia é o texto, tudo que a envolve (história, linguística, arqueologia, geografia) é seu contexto. Ainda como relata Silva (1986) a falta de compreensão e a falta de uma definição sobre o conteúdo essencial da mensagem que o comunicador tem que transmitir, tem produzido choques de cultura e anomalias na obra missionária. Portanto, a comunicação bíblica adequada deve considerar o correto entendimento e diferença entre mensagem e contexto a fim de seguir o caminho correto para

exposição da mensagem de salvação.

3. A JANELA AMAZÔNICA E SEUS DESAFIOS

É pensamento comum dizer que a Amazônia é o pulmão do mundo. O que geralmente se pensa sobre Amazônia é “verde”, “água” e “animais”. Tal pensamento ganha força quando se tem a oportunidade de sobrevoar a Amazônia e perceber que o grande ecossistema presente nessa região faz jus ao valor que a Amazônia possui para a terra. Seus rios, afluentes e igarapés, suas intermináveis florestas primárias e sua desejada fauna e flora fazem deste território um ambiente enigmático. Não é o visitante que descobre Amazônia, é a Amazônia que descobre seu visitante, pois nenhum visitante é portador de certeza clara se pode suportar e sobreviver ao clima da maior floresta tropical do mundo. A elevada umidade relativa do ar, as tempestades imprevisíveis, o calor sempre intenso e os perigos da selva são algumas das dificuldades ali encontradas.

Sobre a vasta hidrografia da Amazônia, pode-se conferir que os maiores e mais importantes rios da região são o Rio Amazonas, Rio Negro, Rio Solimões, Rio Madeira e Rio Purus. São rios antigos, muitos deles já visitados e explorados. Dados antigos registram no ano de 1884 o seguinte fluxo de passageiros: 766 pessoas no Rio Negro, 1917 pessoas no Rio Solimões, 2754 pessoas no Rio Madeira e 3421 pessoas no Rio Purus todas no ano de 1884 conforme relata Ferrarini (2009). As missões católicas e protestantes, já muito cedo se lançavam na região. Entender a influência do rio para a cosmovisão do ribeirinho é muito importante para decifrar esses ícones que norteiam todas as

relações e pensamentos do povo ribeirinho. Segundo Santana (2013) para o ribeirinho, o rio institui o alicerce de sobrevivência dos ribeirinhos, graças, sobretudo, às terras férteis de suas margens, além de se apresentar como via de transporte. No rio o ribeirinho pode se alimentar, beber, lavar roupa, dar banho nos filhos, nadar para se divertir, navegar para chegar e partir, transportar madeira e etc. O rio atua em todas as dimensões de vida do povo ribeirinho.

Este vasto território e sua grande exuberância podem fazer esquecer algo que existe ali: o seu povo. Povo esse que realmente se torna difícil encontrar porque vivem imersos na grandiosidade da selva, dialogando com a mesma e vivendo de seus recursos. O último censo IBGE (2018) contabilizou 4.080.611 milhões de pessoas vivendo num território de 1.571.000 Km² somente no estado do Amazonas.

A densidade demográfica do Amazonas é baixíssima, ou seja, de 2.62 hab./km². Como exemplo é possível citar o município de Santa Isabel do Rio Negro, que fica a 846 km da capital Manaus e, que para chegar até esta cidade são necessários aproximadamente três dias de barco, pois não há estradas.

A grandiosidade da selva, o isolamento dos moradores, a ausência de estradas e as longas viagens fazem a obra missionária e o alcance dos povos tradicionais constituir-se em uma tarefa extremamente difícil. Acompanhe um quadro resumo de algumas cidades do Amazonas.

Tabela 1 – Dados de algumas cidades.

Cidade	Distância de Manaus	População	Viagem (dias) barco
São Gabriel	852 km	44.816 hab.	4
Ipixuna	1.380 km	27.587 hab.	
Lábrea	852 km	44.841 hab.	5
Amaturá	1072 km	11.242 hab.	

Fonte: Tabela do autor (2019).

Ocorre que se gasta muito tempo para chegar a lugares isolados onde vivem poucas pessoas. Não existem estradas ou transporte aéreo para a maioria das cidades do Amazonas. Nestas cidades o uso das tecnologias de comunicação ainda é deficiente. Os preços de passagens costumam ser caros, isso faz com que as pessoas não possuam condições para ir à capital do estado com frequência. Com tais configurações existe um nível elevado de isolamento e distância. Contudo, são nesses lugares que o evangelho deve chegar. Não nos pode fugir a mensagem de Mateus 28:19 para ir a todos os lugares pregando, ensinando e fazendo discípulos. Assim como o Apóstolo Paulo cruzava os rios para apresentar a mensagem do Reino de Deus, em povos e cidades diferentes, um grande número de missionários se desdobram e se dedicam à tarefa missionária para fazer Cristo conhecido, seja indo por água ou por ar.

Outro fator de muita influência na região e que impacta significativamente suas práticas diárias é a cheia dos rios. Essa variável impacta desde o que os ribeirinhos comem até seus estudos e transportes. Se com a cheia dos rios fica mais fácil

chegar a algumas regiões, a seca dos rios chega a impossibilitar a chegada em outros lugares. Quando a seca é muito forte os rios secam e é impossível o trânsito de barcos. Como descreve Benchimol (2014):

Sempre teremos seis meses de cheia e seis meses de menos cheia. Os rios da Amazônia são o sistema de drenagem desse fluxo que termina no Oceano Atlântico. Temos um ciclo de seca, durante o qual alguns rios amazônicos não permitem navegação e, conseqüentemente, aquelas áreas que não podem atingidas ficam isoladas sem um processo de continuidade. Dito isso, é muito simples compreendermos a razão do isolamento amazônico, principalmente nos altos rios. As populações que se encontram nessas localidades não podem ser assistidas a não ser durante a época da cheia. (BENCHIMOL, 2014)

No porto da cidade de Manaus uma régua construída com dados de todas as cheias relembra aos moradores os níveis de enchente obtidos em várias décadas.

Figura 3 - Régua de enchentes do Rio Negro no Porto de Manaus



Fonte: Marina Souza/G1 Amazonas

A maior cheia registrada do Rio Negro data de 29/05/2012 quando o rio atingiu o nível histórico de 29,97 cm, o que significa dizer um volume de água de vinte nove metros e noventa e a mais de elevação em toda a bacia d o Rio Negro segundo as informações apresentadas no site do Porto de Manaus. Por este e outros fatores a relação entre os amazônicos e os rios é singular. Como relata Tocantins (1972): as ocorrências da vida de cada um estão ligadas ao rio e não à terra.

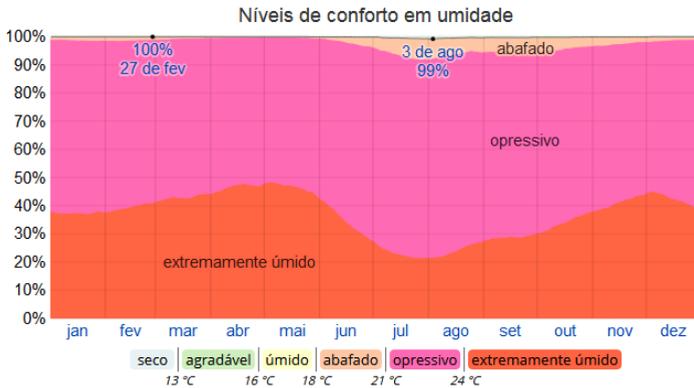
Figura 4 - Enchente histórica em 2012.



Fonte: Site FAPEAM (2016)

Como último desafio deste tópico do artigo (mas não último do contexto amazônico) é possível citar a humidade relativa do ar que também se apresenta como fator de influência crítica da região. Esse fator se categoriza também como item de risco, pois é algo que pode influenciar diretamente na saúde e bem estar das pessoas. Sem desejar aprofundar este assunto climatológico, mas citando sua extrema relevância como desafio do campo missionário. A partir dos dados classificados e organizados em plataforma pela empresa *Cedar Lake Ventures, Inc.* é possível verificar a classificação da umidade relativa do ar no estado do Amazonas usando termos “opressivo” e “extremamente úmido” para tentar definir o clima. Isso trará ao leitor alguma ideia de como é o ar na maior floresta tropical do mundo.

Tabela 2 - Classificações de umidade



Fonte:weatherspark.com (2019)

4. CULTURA CABOCLA E MEIO DE VIDA

Além de caracterizar o ambiente estudado, é de extrema importância definir e caracterizar as populações que vivem nessa imensa floresta. Num lugar extremamente singular vive um povo de características especiais e diferenciadas. Os povos da Amazônia vêm sendo estudados e observados a um longo tempo por pesquisadores e escritores. São chamados povos tradicionais da Amazônia e são compostos por índios, ribeirinhos e quilombolas. Contudo, esses grupos tradicionais têm muitas classificações menores que podem variar de cultura, língua e modo de vida. Entender sua cosmovisão, sua estrutura social e sua comunicação são fundamentais para a boa transmissão do evangelho de Cristo.

Os denominados “ribeirinhos” são populações que habitam nas margens dos rios amazônicos e são originários da era do Ciclo da Borracha, era em que o Brasil possuía quase toda produção e venda de borracha mundial oriunda do Látex encontrado na floresta amazônica. Muitas pessoas se mudaram para o Norte a fim de encontrarem trabalho como soldados da borracha. Com a queda do ciclo da borracha, o Brasil perdeu o lugar de destaque e esses trabalhadores ao invés de retornar para suas terras de origem decidiram ficar habitando as margens dos rios. Ali foram se estabelecendo, fazendo casas de madeira e recomeçando a vida. Isso deu início aos povos chamados “ribeirinhos”. Vivem da pesca, da caça e da madeira. Sua estrada é o rio. O rio é a sua rua. Segundo Gawora (2003) a cultura ribeirinha atual, apesar de receber forte influência de outras culturas, é a sucessora direta da cultura indígena. Também, como descreve Spindola (1997).

O ribeirinho tem uma visão de mundo da natureza comparável com a dos índios. [...] Acostumado desde pequenino à água e à mata, encontra-se seguro quando está brincando, nadando, pescando numa canoa, nos rios ou andando na floresta. Expressa sua liberdade nos gestos calmos e harmônicos como se o encontro homem-natureza fosse conhecer um do outro, amigos de muito tempo. As famílias respeitam e defendem o meio ambiente. Descendente de nordestino e de índio, o caboclo ribeirinho resgata a cultura indígena, nesse aspecto

ajudando a firmar o conceito de preservação do meio ambiente, da natureza. (SPINDOLA, 1997)

Ainda segundo Gawora (2003) o povo ribeirinho durante muito tempo não recebeu atenção em debates sociais ou científicos. Pouco se falava em ribeirinho. Eles basicamente eram contabilizados como população rural e alguns registros eram chamados de caboclos. Muito tempo sem definição, sem atenção, sem cuidado. Os próprios termos de identificação podem nunca ter sido pensados ou discutidos. O tempo passou e somente ficaram nomeados como ribeirinhos ou caboclos mesmo. De acordo com Pace (1997) chamar alguém de caboclo significa dizer que este alguém possui um status social inferior.

Sobre a forma de vida e aspectos culturais ribeirinhos Ferrarini (2009) elenca alguns itens gerais como: cultura do *tapiri*, cultura das águas, cultura da mulher como baluarte, cultura voltada para a cidade, cultura *antiautoctones* e etc. Sobre a cultura do *tapiri*, são habitações de *paxiúba* (um tipo de madeira) cobertas com palha, essa era a moradia original do povo ribeirinho. No interior do *tapiri* tudo é simples, poucos objetos na casa. Um estilo de vida sem capitalismo, sem acúmulo de bens. Somente o necessário para viver. Numa sala ribeirinha muitas vezes o que se encontra é uma rede pra ser esticada na hora de dormir e uma pequena TV (caso a família tenha posses para isso). A respeito da cultura das águas, conforme mencionado anteriormente, a vida cotidiana ribeirinha inicia e termina na relação com o rio. Ali o morador pode sentar para ver o cenário e assistir as embarcações que passam. No rio ele encontra peixes e quelônios (animais de casco) para constituir sua alimentação costumeira. O rio é o que liga o ribeirinho ao município ou à

capital, lugar onde vai comprar seu rancho ou buscar sua bolsa família. É nesse mesmo rio que chegam as embarcações esperadas que trazem componentes importantes como diesel, gás, produtos industrializados, torrada e qualquer coisa que um parente tenha enviado. O rio representa o comércio, pois traz ou leva a farinha produzida. Item essencial na existência e maneira de alimentação do ribeirinho a farinha tem uma ideia de “farinha com algo mais”. O café é com farinha, o açaí é com farinha, a melancia é com farinha, o caldo de peixe é com farinha, a galinha é com farinha. Para o caboclo ribeirinho farinha é bom com tudo. Nas palavras de um poeta amazônico:

*Seca ou d'água
Chibé, jacuba ou pirão
É tão boa
É tão única
É tão santa
Que merece louvação*

(BRAGA, 2001)

A cultura da mulher como baluarte reflete a estrutura familiar em muitas regiões da selva. A mulher é que mantém a família em ordem e caminhando. Ela cuida da alimentação, educação, limpeza, saúde e etc. Tudo isso devido a muitos fatores como devido à ausência de renda os homens precisam passar muito tempo na mata, na casa, na floresta e na pesca, assim a mulher precisa ficar cuidando de tudo. Outro fator também é a presença do álcool nas comunidades e cidades. Os homens facilmente se envolvem com a bebida e resta para a mulher

cuidar para que seu lar não se desfaça em meio à ausência masculina. A cultura voltada para a cidade aponta para a desvalorização do interior e das comunidades. Existe um pensamento subentendido de que o interior é um lugar de atraso e preso no passado. Segundo Ferrarini (2009) “a meta da maioria das pessoas seria ter condições de sair do interior para a cidade grande”. O ribeirinho não percebe o perigo que pode haver ao desejar trocar sua vida simples, com boa casa de madeira, peixe, caça e frutas pela vida da cidade grande, onde provavelmente ele se tornará população de periferia. Mas muitos deles vivem essa esperança de “ir embora” para a cidade.

A cultura antiautoctones revela o etnocentrismo presente. Acreditando que Amazônia era terra desabitada e precisava ser ocupada, e, somando ao idealismo de que a cultura europeia era a cultura civilizada, se criou e difundiu uma cultura antiautoctone onde o homem do interior (seja ribeirinho ou indígena) precisa ser civilizado e aprender com o homem branco. Na própria relação e vivência com o nativo percebe-se que ele promove o homem da metrópole (seja São Paulo ou Rio de Janeiro) como alguém mais inteligente, capaz ou rico.

5. EVANGELHO E CULTURA

A relação entre Cristo e a cultura levanta a necessidade de reflexão sobre o limite ou encaixe entre teologia e cultura (Cristo e Cultura). Para iniciar a reflexão sobre essa conexão, pode ser uma boa questão ponderar se o evangelho deve ser adequar à cultura ou se a cultura deve se adaptar ao evangelho. O ajuste errado entre mensagem e cultura pode trazer prejuízos para a

obra missionária? Se o evangelho é eterno e imutável, e a cultura é dinâmica e está sempre em movimento, como conciliar algo eterno (mas não estático) com algo mutável?

Temos em Cristo o modelo de mensageiro do céu enviado pelo Pai. É importante ressaltar que como filho enviado de Deus, Ele encarnou e viveu entre nós. Se Ele viveu entre um povo isso significa que Ele estava alocado em um tempo, espaço e cultura. Portanto é razoável dizer que sua mensagem dialoga com um tempo, um espaço e cultura. O tempo é o momento cronológico em que Ele viveu entre nós. O espaço geográfico é a região (judaica) onde ele nasceu e se criou. A cultura vivida é uma cultura judaica, vivida de debaixo de um império romano e ainda com forte influência histórica grega. A mensagem de Cristo é pregada numa sinergia e encaixe adequado com o tempo, espaço e cultura. Outro fator é atribuído à relação entre evangelho e cultura, quando Hesselgrave (1994, p.98) diz que cada cultura possui elementos de obediência à ordem divina e de rebelião satânica. Cada cultura então possui crenças que serão reforçadas pela verdade bíblica e outras que serão contrariedades pelas escrituras. Mas isso não é um olhar fácil e esta percepção não pode ser simplista. Isso deverá ser objeto de observação e definição do missionário quando está no campo missionário.

Segundo Lidório (2018) é preciso refletir sobre a posição da mensagem de Deus em relação à cultura. Segundo o mesmo autor o evangelho do Senhor Jesus é supracultural, pois “é suficiente para comunicar a verdade de Deus a todo homem, em todas as culturas e em todos os tempos”.

Contudo, o material mais fundamental nesse debate entre Cristo e Cultura é a Niebuhr (1967) ao elencar que numa tensão entre Cristo e a cultura podem existir cinco perspectivas

apontadas por diversos teólogos, a saber: Cristo contra a cultura, o Cristo da cultura, Cristo acima da cultura, Cristo e cultura em paradoxo e Cristo como transformador da cultura. Em "Cristo contra a cultura", conforme colabora Hesselgrave (1994) aponta-se que Cristo é a única autoridade e, portanto, devem ser rejeitadas todas as alegações feitas pela cultura. Carson (2012) afirma que nessa relação entre Cristo e cultura parece haver duas reivindicações de autoridade na vida do cristão. E sempre a principal e primeira resposta para a questão é que não existe concessão e Cristo se afirma como única autoridade. Assim como descreve Niebuhr (1967)

Lógica e cronologicamente esta resposta parece merecer a primeira posição: logicamente, porque ela parece provir diretamente do princípio comum da Soberania de Jesus Cristo, e, cronologicamente, porque é amplamente aceito que ela foi a atitude típica dos primeiros cristãos. (NIEBUHR,1967)

A ideia de o "Cristo da Cultura" é enfatizada em razão de grupos que aceitam a figura de Cristo e decidem a parte de sua cultura deve ser conformada pela ideia de Cristo, mas não tudo. Somente aquilo que lhes aprouver assimilar a Cristo. Não necessariamente se abrirá mão daquilo que lhes incomoda na mensagem de Cristo, mas para todos os efeitos é uma cultura de Cristo (ou parte Dele). Conforme Carson (2012) colaborou, esses grupos se sentem bem com Cristo e com a cultura que vivem. Não é preciso abrir mão de nada e nem há necessidade ou espaço para transformação. Niebuhr (1967) afirma que nessa posição

não se considera que haja tensão entre igreja e mundo. Representa uma acomodação da cultura.

No conceito de “Cristo acima da cultura” Hesselgrave (2009) afirma que “a recepção da graça aperfeiçoa e completa a cultura, embora não haja uma curva suave ou linha contínua entre elas”. Uma posição que não pende para o abandono da cultura por causa da soberania de Cristo, mas também não aponta para uma acomodação de Cristo na cultura. Não se tem o objetivo nem de absolutização e nem de relativização. Acrescenta-se a isso o debate de que “toda a cultura esta alicerçada e que é boa e devidamente estruturada por Aquele a quem Jesus Cristo é obediente...,” como cita Niebuhr (1967 *apud* Carson, 2012). Neste ponto de vista a pacificidade e desenvolvimento, pois os lados estão em sinergia e caminhando colaborativamente.

Na definição “Cristo e a cultura em paradoxo”, Hesselgrave (2009) relata que “ambas são autoridades a ser obedecidas, e o cristão, portanto, vive com essa tensão”. Os adeptos a essa perspectiva são denominados por Niebuhr (1967) como “dualistas”. Não estão num lado radical estabelecendo uma linha entre Cristo e o mundo e nem estão do outro lado adaptando Cristo ao mundo. Estão convivendo com Cristo e cultura não com sinergia e colaboração, mas com tensão e conflito constante. Por fim, a última perspectiva de “Cristo como transformador da cultura” define que... “à cultura reflete o estado caído do homem; em Cristo, o homem é redimido, e a cultura pode ser renovada...” (Hesselgrave, 2009). Este conceito aponta para a transformação que Cristo pode realizar na cultura decaída. Segundo Niebuhr (1951) “Cristo é o transformador da cultura para

Agostinho, no sentido de que ele reorienta, revigora e regenera aquela vida do homem expressa em todas as obras humanas”.

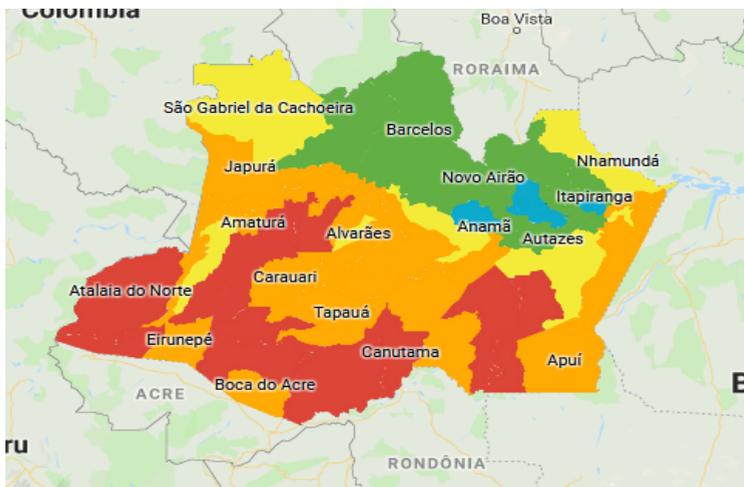
Ao apresentar esses pontos não objetiva-se elencar a posição correta em Cristo e Cultura, pois ela pode ser interpretativa, mas espera-se de fato sensibilizar para importância de dialogar cuidadosamente e aproximar respeitosamente da cultura sem os pressupostos de “isso não é de Deus” ou “aquilo é pecado”.

6. A TAREFA DA EVANGELIZAÇÃO

Olhando para a realidade dos obstáculos de evangelização da Amazônia, agências missionárias e pesquisadores têm feito esforços para levantar informações pertinentes e identificar os lugares menos evangelizados da Amazônia e lugares aonde o evangelho não chegou. Mesmo com o grande desafio encontrado a igreja precisa continuar concentrando e organizando esforços para levar a tarefa evangelística a diante. O desafio não é maior que o poder de Cristo. Deus não depende de nós, mas não faz sem nós, porém não por incapacidade, mas por misericórdia nos deixa participar de Sua missão (FULANETO, 2016, p.41). A igreja de Cristo tem a oportunidade magnífica de participar de um plano incrível de Deus. “A ideia chave é sem dúvida a reconciliação. O plano divino tem objetivo de restaurar a criação, a fim de recuperá-la, num cumprimento glorioso, do dano provocado à humanidade e à natureza pela queda”, (D.WINTER, C.HAWTHORNE, D.BRADFORD, 2009, p.151).

Nos anos de 2012 a 2015 a Missão do Céu, uma agência missionária aviadora sediada em Manaus, desenvolve pesquisa intitulada Projeto Fronteiras com objetivo de quantificar o avanço das missões no Amazonas. Essa não envolveu toda a região da Amazônia, porém conseguiu elucidar números importantes sobre o estado do Amazonas. Os números levantados comprovam uma verdade que não pode ser abandonada pela igreja brasileira, a verdade de que muitas pessoas não têm tido oportunidade de ouvir a mensagem redentora da salvação oferecida por Jesus Cristo.

Figura 5 - Mapa de evangelização do Amazonas



Fonte: Projeto Fronteiras (2015)

O mapa mostrado acima é o resultado direto da pesquisa e informa que na área verde aproximadamente 60% da população não tem ouvido acesso ao evangelho, na área amarela aproximadamente 70% da população não tem tido acesso ao

evangelho, na região laranja até 80% das pessoas não têm recebido o evangelho e na área vermelha até 90% das comunidades não têm recebido o evangelho do Senhor Jesus. De maneira geral estima-se que o Amazonas tem aproximadamente 7.500 comunidades tradicionais. Estima-se que somente no máximo 20% das comunidades possui presença cristã. Os 80% de comunidades sem presença cristã representam em torno de 6.000 comunidades tradicionais que não tem recebido a mensagem de Cristo. Essas 6.000 comunidades tradicionais sem presença evangélica identificada pode representar em torno de 600.000 pessoas sem conhecimento da mensagem de Cristo. Os números são esclarecedores e informam audivelmente que a igreja precisa avançar para levar salvação aos povos mais isolados. Os números mais detalhados algumas regiões nos não uma visão mais específica de regiões com baixo índice de evangelização.

Tabela 3 - Números de evangelização na Bacia do Médio e Baixo Rio Amazonas

Município	Comunidades Tradicionais Catalogadas	Com Presença Evangélica Identificada	%
Barreirinha	110	15	14
Boa Vista do Ramos	60	18	30
Itapiranga	30	12	40
Maués	210	33	16
Nhamundá	100	22	22
Parintins	200	35	18
São Sebastião do Uatumã	45	14	31
Silves	48	28	58
Urucará	60	15	25
Urucurituba	80	12	15
TOTAL	943	204	22

Fonte: Projeto Fronteiras (2015)

Outra região que se mostrou em alta necessidade de evangelização foi Bacia do Alto Solimões e Alto Japurá, área em que pode ser necessário de 5 até 6 dias de navegação para chegar.

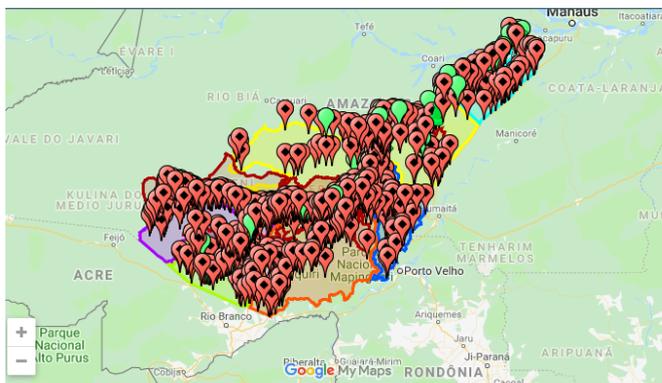
Tabela 4- Números de evangelização na
Bacia do Alto Solimões e Alto Japurá

Município	Comunidades Tradicionais Catalogadas	Com Presença Evangélica Identificada	%
Amaturá	55	10	18
Atalaia do Norte	125	5	4
Benjamin Constant	80	13	16
Jutaí	150	10	7
Santo Antonio do Içá	100	12	12
São Paulo de Olivença	100	23	23
Tabatinga	75	13	17
Tonantins	80	11	14
Japurá	75	15	20
TOTAL	840	112	13

Fonte: Projeto Fronteiras (2015)

A região menos evangelizada é a região da Bacia do Rio Purus, onde até 90% das comunidades não têm tido acesso ao evangelho. No mapa a seguir os localizadores vermelhos representam comunidades sem presença cristã e a tabela informa os números da região:

Figura 6 - Mapa de evangelização na Bacia do Rio Purus



Fonte: Projeto Fronteiras (2015)

Tabela 5 - Números de evangelização na Bacia do Rio Purus

Município	Comunidades Tradicionais Catalogadas	Com Presença Evangélica Identificada	%
Beruri	200	40	20
Boca do Acre	250	45	18
Canutama	180	5	3
Lábrea	300	25	8
Pauini	200	15	8
Tapauá	250	28	11
TOTAL	1380	158	11

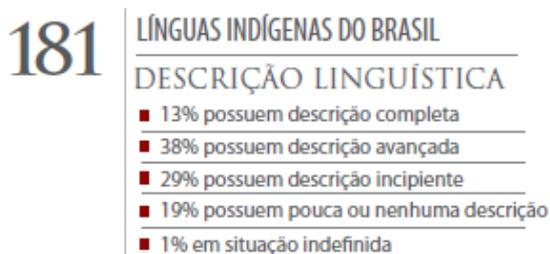
Fonte: Projeto Fronteiras (2015)

Como se pode perceber comunidades da região das cidades de Canutama e Pauini apresentam baixíssimo índice de evangelização e presença missionária de respectivamente 3% e 8%. São lugares e povos distantes, regiões onde também há muita pobreza. Pauini, por exemplo, é a cidade mais pobre do Amazonas. Urge a ação dos filhos de Deus para levar salvação e desenvolvimento aos povos.

Ao finalizar, outro desafio a ser mencionado neste escrito é de ordem linguística. O fato de ser citado aqui por último não significa que este desafio seja menos importante ou de menor impacto direto na obra missionária. Na verdade, esse item apresenta uma barreira de alta complexidade para comunicação do evangelho entre os povos amazônicos: línguas ou dialetos. Essa não é uma barreira para povos ribeirinhos, pois a maioria se comunidade na própria língua nacional, mas é uma barreira para grande parte dos povos indígenas, que por guardarem tradições ancestrais preservam também um idioma próprio de sua etnia. Muitas vezes são idiomas milenares que se mantêm vivos apenas de forma oral. Segundo o relatório da Associação de Missões

Transculturais Brasileiras (2010) existem 182 línguas indígenas em terra brasileira e somente 13% destas possuem descrição completa.

Figura 7 - Línguas indígenas no Brasil



Fonte: AMTB (2010)

Evangelizar um povo indígena pode significar anos de intensa pesquisa e estudo dedicado para aprendizado da língua, então após isso haverá alguma habilidade para apresentar o evangelho ao povo em sua própria língua. Habilidades com idiomas e estudo de linguística são ferramentas essenciais para missionários que trabalham com etnias baseadas em idiomas ancestrais.

Segundo Fernando (2015) os cristãos são motivados para levar a mensagem bíblica pelo fato de que o evangelho é a verdade absoluta e a única esperança para salvação. Que essa motivação reacenda e a igreja leve a mensagem aos povos isolados na Amazônia.

7. CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalho fica mais uma vez latente o quão urgente e necessário é a obra missionária nas regiões isoladas da floresta Amazônica. Jesus continua por excelência sendo o exemplo de evangelista, mensageiro e missionário, pois Ele em sua essência e simplicidade caminhava vila após vila pregando o evangelho e anunciando a chegada do Reino de Deus (Mateus 9:35). Não deve o povo de Deus seguir as mesmas pisaduras de Cristo? Ele certamente não permitiria que este povo amazônico continuasse sem ouvir a mensagem de salvação.

Neste escrito, ao mesclar teologia, antropologia e dados reais de campo espera-se colaborar com o corpo de Cristo criando um quadro real da obra missionária na Amazônia sensibilizando a igreja de Cristo para a tarefa evangelística. O que se deseja é que esta reflexão unida ao exemplo maior de Jesus sensibilize o corpo de Cristo para a tarefa inacabada na selva amazônica.

REFERÊNCIAS

BELISÁRIO (org.) **Desafios logísticos na Amazônia Continental**. Manaus: Associação PanAmazônia, 2014. p. 66-71.

BENCHIMOL, S. Desafio logístico para o desenvolvimento regional. *In*: ARCE. [S.l: s.n.], 2014.

BRAGA, C. **Água e farinha**. Manaus: edição do autor, 2001.

CARSON, D.A. **Cristo e cultura**: uma releitura. São Paulo: Vida Nova, 2012.

DOMINGUES, G. S. Uma análise introdutória sobre a importância da significação no ensino bíblico. **Revista Via Teológica**. Curitiba, FABAPAR, v. 18, n. 36, 2017. Disponível em: <http://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/14>
Acesso em: mar. 2021

FERNANDO, A. A urgência do evangelho. *In*: CARSON, D.A. (Org). **A verdade**: como comunicar o evangelho a um mundo pós-moderno. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 405-418.

FERRARINI, S. A. **Rio Purus**: história, cultura e ecologia. São Paulo: FTD, 2009.

FULANETO, F. **Artigos de fé na ótica missional**: reconciliando teologia e Missiologia. Tomo 1 - Revelação Divina. Maceió: Sal Cultural, 2016.

GAWORA, Dieter. **Urucu – Impactos sociais, ecológicos e econômicos do projeto de petróleo e gás “Urucú” no Estado do Amazonas**. Manaus: Valer, 2003.

HESSELGRAVE, D. J. **A comunicação transcultural do evangelho**. São Paulo: Vida Nova, 1994.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação, 2018**. Disponível em: [wwwurl:ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_s_2018/estimativa_dou_2018_20181019.pdf](http://www.url:ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_s_2018/estimativa_dou_2018_20181019.pdf). Acesso em: 22 abril 2019.

KUNZ, C. A. O uso de parábolas e as ações parabólicas na pregação de Jesus. **Revista Via Teológica**, v. 18, n. 35, p. 13-29, jun. 2017.

LIDÓRIO, R. **Antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

NIEBUHR, H. R. **Cristo e cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

PACE, R. The Amazon caboclo: whats in a name? **Revista Luso**, Brazilian Review, v. 34, n. 2, p. 82, winter 1997.

RICHARDSON, D. **O totem da paz**. Belo Horizonte: Betânia, 2000.

SANTANA, F. A. Comunidades ribeirinhas da Amazônia: relato de Experiência. **Revista Perspectiva Amazônica**, Santarém - Pará, n.6, p.47-56, 2013.

SILVA, Antônio Carlos Galvão Da. **O seringal no município de Lábrea: o espaço vivido e a resistência de um tempo**. São Paulo: Scortecci, 2012.

SILVA, P. **A arte de pregar o evangelho**. São Paulo: ELEVA, 1986.

SPINDOLA, H. B. **O ribeirinho: ontem e hoje na defesa do peixe no Amazonas**. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1997. f. 8

TOCANTINS, L. **O rio comanda a vida**. Rio de Janeiro: Noite, 1972.

WINTER,R.D.; HAWTHORNE, S.C.; BRADFORD, K.D. **Perspectivas no movimento cristão mundial**. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 150-157.